

RURAL FONE-FAX

SEU BANCO NA
PONTA DOS DEDOS

**Banco
RURAL**

Rio de Janeiro — Sábado, 24 de julho de 1993

JORNAL DO BRASIL

Negócios & FINANÇAS

ÍNDICE

Renault no Brasil	2
Informe Econômico	3
IPMF é adiado	3
Mercado financeiro	4
Telefone mais barato	5
Negócios	6

Não pode ser vendido separadamente

Ministro responsabiliza empresários

■ Fernando Henrique afirma que as remarcações de preços são criminosas e acusa todos de serem sócios da inflação no Brasil

NILTON HORITA

SÃO PAULO — O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, não se sentiu acuado diante dos 300 empresários com os quais se encontrou ontem, na sede da Fiesp. Fez um pronunciamento longo — cerca de 1h40 — e incisivo. Com elegância, convidou todos ao bom senso e à reflexão. Acusou os empresários de terem feito remarcações criminosas ao aumentarem preços, por conta da discussão da política salarial, disse que o governo seria aliviado em US\$ 5 bilhões se banqueiros e empresários pagassem os impostos que não estão sendo recolhidos com o amparo da Justiça, e afirmou que todos são sócios da inflação no Brasil. Informou, ainda, que pretende importar mais produtos, não só para combater as remarcações, mas também para equilibrar o impacto do aumento do ingresso de dólar no país.

Fernando Henrique anunciou que o governo vai trabalhar com firmeza na área da revisão

constitucional. "Acho que a revisão não precisa refazer tudo, é só discutir emenda por emenda, emagrecendo o texto de 88", explicou. "Nós queremos uma reforma tributária definitiva, fechar alguns ministérios e acabar com o monopólio da telefonia, do gás, da lavra e pesquisa de petróleo. O ministro foi duro e ao mesmo tempo sereno e gentil no trato com os empresários. Propôs, por exemplo, uma disciplina coletiva para o país conseguir vencer a inflação. "A inflação e a miséria são os nossos principais problemas", afirmou. "Setenta por cento da renda estão com o capital e 30% vão para os salários."

E concluiu: "Está aí: a inflação é tão cruel que quem decide não perde com ela. Os jornais mostraram que a simples discussão da política salarial provocou remarcação de preços. E remarcam mesmo, pois os consultores estabelecem os índices antecipadamente. O efeito é catastrófico."



São Paulo — Luiz Paulo Lima

Fernando Henrique: "Só 30% da renda vão para os salários"

As boas notícias

■ Há sinais nítidos de recuperação econômica, a economia brasileira soube se adaptar aos anos de recessão, emagrecceu, e os agentes privados, quase que sozinhos, conseguiram superar as dificuldades.

■ De repente, o Brasil vai perceber como é forte.

■ A dívida externa com os bancos privados é menor: em vez de US\$ 42 bilhões, não chega a US\$ 35 bilhões. Num economia com um PIB de US\$ 400 bilhões e pauta de exportações de US\$ 40 bilhões, a questão da dívida está quase resolvida.

■ O problema com o FMI será resolvido até setembro e

o governo vai sempre falar a verdade sobre as contas nacionais. Não adianta mentir, pois o FMI conhece todos os números.

■ A dívida interna é de US\$ 30 bilhões e não assusta. O resto é uma dívida gráfica entre Banco Central e Tesouro Nacional. Não estamos no sufoco e prova que o país é viável.

■ Não se pode menosprezar a capacidade das pessoas. Vou conseguir, em breve, anunciar à Nação a rolagem da dívida de estados e municípios. Sem acordo, não dou aval para estados e municípios contraírem financiamento internacional.

As más notícias

■ Quando se olha para as finanças públicas, aí está o problema central. Hoje, a agenda de trabalho do Ministério da Fazenda é quase toda de gente do setor público, quase não há despachos com empresários ou banqueiros. É um consultório médico do setor público, uma fila de inadimplentes.

■ Não tem jeito. O IPMF é um imposto cheio de defeitos, é experimental, mas tem de ser cobrado para aliviar o caixa.

■ Orçamento tem rigidez enorme: não se pode demitir funcionários, o serviço da dívida interna e externa tem de ser pago e as transferências para estados e municípios são obrigatórias.

■ Do total do Orçamento, sobram ao governo apenas US\$ 15 ou US\$ 16 bilhões. O governo conseguiu cortar US\$ 7 bilhões.

Mais que isso, é melhor apagar a luz e fechar o governo.

■ O Ministério da Fazenda é hoje o pau da barraca do clientelismo. É um sistema equivocado. A Fazenda tem que perder o poder de corromper inimigos e agraciando amigos. Sou auto-suficiente para dizer que o que eu faço é certo. Dei dinheiro para a Linha Vermelha e não daria por quê? A Linha Vermelha tem interesse social.

■ Ou as estatais cortam custos ou não vamos repor a inflação passada na correção das tarifas.

■ Governo, empresários, banqueiros, gente de classe média para cima. São todos sócios da inflação. Agora, vá ao Nordeste ou às favelas para ver se o cruzeirinho que está no bolso dos seus moradores consegue se proteger da inflação. Não dá.

As respostas do ministro*

■ **Custo de produção maior em 15% no Brasil**

O problema é que a carga tributária brasileira é muito mal distribuída.

■ **Por que não indexar?**

Eu soube do ministro argentino, Domingo Cavallo, que ele dolarizou a economia não para fazer a equivalência um peso, um dólar. Lá, já estava tudo dolarizado, o governo anterior havia se exaurido antes do final do mandato e a Argentina passou por duas hiperinflações. O brasileiro pode pensar em dólar, mas compra títulos do sistema financeiro em cruzeiros, o que é positivo.

■ **Frente Solidária de Combate à Inflação**

A renda per capita do Brasil já dá para que todos tenham uma vida melhor. Nós, da elite, não estamos querendo. Não podemos fazer Pacto de Moncloa às avessas, só para pegar mais recursos. Mas se nós conseguirmos uma disciplina coletiva para que o próximo presidente tenha um caminho de estabilidade traçado, faremos com que o país do futuro tenha uma outra cara. Nós, da elite, não estamos entendendo que dirigimos um grande país. Temos é que pagar os impostos. A dificuldade maior é que não temos instrumento de controle de um pacto social.

■ **Quando o governo vai agir?**

Não tem solução de curto prazo para uma inflação de 40 anos que está enraizada na sociedade.

■ **Qual o segundo passo?**

No Brasil, devemos persistir na política de colocar a casa em ordem. Não vamos sair da inflação sem uma disciplina coletiva.

■ **Houve avanço no corte de gastos?**

Semana passada não tive de onde tirar US\$ 60 milhões para financiar o programa da fome no Nordeste. Não tenho mais onde cortar.

■ **Política salarial**

Sou a favor de mais salários, como sempre fui. Continuo sendo como quando estive na porta das fábricas nas primeiras greves do ABC. Mas para dar aumento real tem que haver outras coisas. Ou entendemos esse beabá da sociedade moderna, ou não vamos a lugar nenhum. Se vetar os 100% de indexação salarial, como já está decidido, é impopular, que se dane. Não se pode governar na base da demagogia.

■ **Privatização**

Vamos acelerá-la, mas com ganhos para o patrimônio público. Podemos ficar com parte das ações de uma estatal vendida, como fizemos com a Cosipa, para preservar o interesse público.

■ **Futuro político**

Temos que ter fé, convicção. Não dá para confundir isso com jogo político. É inaceitável, pequenez moral. Não dá para pensar que um senador vai usar o cargo para trampolim político. Se as coisas derem certo, terei a satisfação de ter ajudado ao meu país. Não me venham julgar pela sua pequenez própria. Não estou fazendo nada para mim, mas para nós todos.

* Essas perguntas, elaboradas pelos empresários, foram antecipadas na edição de ontem do caderno Negócios & Finanças do JORNAL DO BRASIL.